

# LITERATURA DE CORDEL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: de *repente* juntos no processo de letramento

CORDEL LITERATURE AND YOUTH AND ADULT  
EDUCATION: suddenly together in the literacy process

LITERATURA DE CORDEL Y EDUCACIÓN PARA JÓVENES Y  
ADULTOS: juntos repentinamente en el proceso de  
letras

*Gilvan dos Santos Sousa<sup>1</sup>*  
*Arlete Ramos dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo originou-se de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar o uso da Literatura de Cordel oriunda da educação popular como instrumento didático na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Buscamos também averiguar a relevância dessa literatura no processo de ensino-aprendizagem e a sua contribuição para a formação de alunos leitores, capazes de interagir com os debates realizados no espaço educativo. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, visando a compreensão da realidade em estudo, a partir da prática dos docentes. Valemo-nos da aplicação do questionário e Grupo Focal como instrumentos de coleta de dados. O campo da pesquisa - Escola Municipal Tobias Barreto – situa-se no município de Vitória da Conquista – Ba. A pesquisa desenvolvida nos permitiu compreender que a Literatura de Cordel pode se tornar uma grande aliada nesse processo, por valorizar as culturas e experiências que

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como professor de Educação Básica na Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista (BA). Atuou também como supervisor do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), na modalidade PRONATEC prisional/EJA. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-1293-6079>. E-mail: [gil-uesb@hotmail.com](mailto:gil-uesb@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com Pós-Doutorado em Movimentos Sociais e Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como Professora Adjunta do Departamento de Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (DCHEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UESB). Também é integrante do quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). É Coordenadora do Colegiado do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo, além de fazer parte do Colegiado Estadual do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0217-3805>. E-mail: [arlerp@hotmail.com](mailto:arlerp@hotmail.com)

permeiam o cotidiano destes alunos, que muitas vezes passam despercebidas pelos nossos sistemas educacionais.

**Palavras –chave:** Educação Popular – Educação de Jovens e Adultos – Literatura de Cordel.

**Abstract:** This article was originated from a master's research that aimed to investigate the use of *Cordel* Literature from popular education as a didactic instrument in Youth and Adult Education. We also sought to research the relevance of this literature in the teaching-learning process and its contribution to the formation of reader students, able to interact with the debates held in the educational space. For this, we developed an exploratory qualitative research, aiming at understanding the reality under study, from the practice of teachers. We used questionnaire and focus group as data collection instruments. The research field – *Escola Municipal Tobias Barreto* – is located in Vitória da Conquista, Bahia State, Brazil. The research developed allowed us to understand that *Cordel* Literature can become a great ally in this process, by valuing the cultures and experiences that permeate the daily lives of these students, which often go unnoticed by our educational systems.

**Keywords:** Popular Education – Youth and Adult Education – Cordel Literature.

**Resumen:** Este artículo se originó a partir de una investigación de maestría que tenía como objetivo investigar el uso de la Literatura de Cordel de la educación popular como instrumento didáctico en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). También buscamos determinar la relevancia de esta literatura como un lenguaje en el proceso de enseñanza-aprendizaje y su contribución a la formación de estudiantes lectores, capaces de interactuar con los debates que se llevan a cabo en el espacio educativo. Para ello, desarrollamos una investigación exploratoria cualitativa, con el objetivo de comprender la realidad en estudio, desde la práctica de los docentes. Utilizamos el cuestionario y el grupo focal como instrumentos de recolección de datos. El campo de investigación – *Escola Municipal Tobias Barreto* – se encuentra en Vitória da Conquista, estado da Bahia, Brasil. La investigación desarrollada nos permitió comprender que la Literatura de Cordel puede convertirse en un gran aliado en este proceso, al valorar las culturas y experiencias que impregnan la vida cotidiana de estos estudiantes, que a menudo pasan desapercibidas por nuestros sistemas educativos.

**Palabras clave:** Educación popular – Educación de Jóvenes y Adultos – Literatura de Cordel.

## Introdução

O trabalho de pesquisa que deu origem a este artigo surgiu a partir do desenvolvimento de uma atividade pedagógica na Escola Municipal Centro de Educação Integrada Paulo Freire, em Vitória da Conquista (BA), no período da implantação do projeto sobre letramento cujo título era "A importância e o valor de nossa literatura brasileira". Notamos que no mural da escola onde estavam expostos os trabalhos sobre o referido projeto apareciam nomes de distintos autores, todavia, não visualizamos nenhum nome de cordelista ou outro escritor nordestino. Isso foi inquietante, uma vez que a Região Nordeste é rica em autores de diversas modalidades, dentre estas, a Literatura de Cordel. Após conversarmos com a Coordenadora daquele espaço, ela nos sugeriu que os autores nordestinos fossem incluídos. Ao término desse projeto, com a análise dos resultados mediante avaliações dos sujeitos envolvidos, detectamos que a inclusão das obras literárias nordestinas, na perspectiva do letramento, serviu para estimular o gosto pela leitura e a interpretação de texto. Dessa

parceria, originou-se a nossa pesquisa de mestrado<sup>3</sup>, a qual foi realizada posteriormente, em uma escola rural da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista, identificada como Escola Municipal Tobias Barreto.

Durante o processo de pesquisa, procuramos utilizar a Literatura de Cordel como instrumento metodológico que pudesse auxiliar no processo de letramento e estimular o gosto pela leitura e a interpretação de texto. Salientamos que letramento é aqui entendido na perspectiva de Tfouni (1995, p. 20): "enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade".

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, por meio da pesquisa-ação, que possibilitou uma reflexão sistemática, visando a compreensão da realidade em estudo, a partir da prática dos docentes. Valemo-nos dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação, aplicação de questionário, aplicação de uma Sequência Didática e Grupo Focal. No que tange aos pressupostos teóricos utilizados, destacamos autores que discutem o conceito de cultura, a exemplo de Eagleton (2000); Williams, (1993); Carvalho (2006); dentre outros. Sobre a Literatura de Cordel, destacamos Galvão (2005) e Cascudo (1952). No que se refere à EJA, nos apropriamos das discussões de Paiva (2006), Arroyo (2005), Beisiegel (2003), entre outros. Nossos colaboradores na referida pesquisa foram os professores, a Coordenadora Escolar e os educandos da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Tobias Barreto.

Como referência textual, utilizamos de início dois textos por nós escolhidos para a atividade de intervenção, a saber: "*Parabéns, Conquista!!!*", de Ivan Lemos; e "*Cordel ecológico*", de autoria desconhecida, a serem trabalhados nas disciplinas: História, Língua Portuguesa, Geografia e Ciências.

## A EJA e o letramento significativo

Ao cogitar uma proposta de letramento para a EJA, não podemos deixar de considerar as especificidades do público atendido, inclusive, o contexto em que este está inserido. No que se refere a essas características, Paiva (2006, p. 19) exorta que:

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à

<sup>3</sup> Pesquisa de mestrado intitulada: *Literatura de cordel e Educação de Jovens e Adultos: a cultura popular na perspectiva de valorização dos saberes dos educandos*, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas.

Partindo desse pressuposto e acreditando que todas as pessoas possuem seus próprios saberes elaborados a partir dos seus históricos de vida, experiências, relações sociais e seus mecanismos de sobrevivência, torna-se imprescindível que sua vida e suas visões de mundo sejam valorizadas em sala de aula. Para Freire (1996), a relação que se estabelece entre educador e educando deve ser alicerçada pelo princípio do aprendizado mútuo, não havendo uma verdade absoluta trazida pelo professor para a sala de aula, uma vez que o aluno já traz consigo conhecimentos prévios e, conseqüentemente, sua visão de mundo.

Nesse sentido, o trabalho educativo deve ser pensado considerando-se o perfil desse público, bem como, inteirando-se a respeito das expectativas que eles têm no que tange à escola, de maneira que essas informações venham colaborar para a construção de um aprendizado significativo, haja vista que:

[...] o letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada, procura; ainda, saber quais práticas psicossociais substituem as práticas letradas em sociedade ágrafas (TFOUNI, 1995, p. 9-10).

Diante disso, acreditamos que a valorização da cultura, bem como das experiências dos sujeitos atendidos pela modalidade supracitada pode tornar-se um forte contributo no processo de letramento e a literatura de cordel pode ser um importante recurso pedagógico para atingir esse objetivo.

Na perspectiva de autores como Brandão (2002), Garcia (1983) e Gadotti(2000), a escola deve direcionar o seu olhar para uma educação que valorize o conhecimento do educando, garantindo, assim, uma educação cidadã, por meio da qual a cultura do indivíduo seja respeitada, ao invés de padronizar métodos, sem levar em conta a sua realidade, nem as experiências prévias que trazem ao adentarem os muros escolares, experiências essas adquiridas de forma assistemática, em espaços não escolares, que podem ser manifestadas de várias formas. E que acreditamos ser necessário pensar em uma proposta de ensino na perspectiva da Educação Popular, que valorize os conhecimentos e as práticas culturais, no intuito de construir novos saberes. A respeito dessa concepção, Vale (2001, 55-56) ressalta que:

Popular não significa apenas o que é democrático ou o que se identifica com a pobreza, com a miséria dos homens. Popular é uma concepção de vida e da história que as classes populares constroem no interior das sociedades democráticas, estando, necessariamente, ligado à questão da qualidade de vida das pessoas e, conseqüentemente, à mudança da função social da escola.

Em consonância com autora, ressaltamos a importância do papel da escola para que ela possa cumprir a sua função social no sentido de atender as demandas da sociedade. Nesse sentido, Saviani (2003, p. 75) afirma:

A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade. Esta é a questão central da pedagogia escolar. Os conteúdos não representam a questão central da

pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola.

Concordando com Saviani, evidenciamos que não se trata de questionar o papel da escola de viabilizar a aquisição dos saberes escolares sistematizado. Reconhecemos aqui que a instituição de ensino deve se tornar um espaço de formação que respeite as singularidades que a permeia, de forma que o conhecimento do sujeito aprendiz seja reconhecido e valorizado, promovendo um entrelace do saber científico e do saber popular. Pois como afirma o educador Freire (1984, p. 9), "a leitura de mundo precede a leitura da palavra", logo, acionar os saberes prévios dos educandos, proporciona a relação com o conteúdo que será ensinado pelo educador, evitando dicotomia entre este os saberes que a academia adjetiva de senso comum, ou seja, os saberes sistematizados empiricamente. Assim, julgamos que a aquisição do conhecimento será de uma forma bem mais significativa.

Creemos que a cultura e a educação são áreas intrinsecamente ligadas, sendo necessário que não só o educador, mas todo corpo escolar, primem pela valorização dos saberes prévios dos educandos, no intuito de elaborar novos conhecimentos, potencializando cada vez mais o sentimento de identidade e pertença dos estudantes.

## **Literatura de Cordel, EJA e Educação Popular**

De acordo com Zumthor (1997) e Cascudo (2006), a existência da literatura oral<sup>4</sup> é de mais de 3.500 anos. Todavia, na Europa, ela surge impressa no início do século XII, como literatura de feira. No século XVII, em Portugal, fomentada pela criação de uma lei sancionada em 1789, por Dom João V, que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa vender as publicações em espaços públicos, populariza-se em outros países, como a Itália e a França, no período do Renascimento.

Cascudo (1952) salienta que a Literatura de Cordel foi denominada pela primeira vez por Literatura Oral, dada a forma como esta expressão popular era apresentada nos espaços públicos, todavia ressalta que adjetivar a Literatura de Cordel como simples "poesia popular" nega a precisão de uma marca social, pois, muitas vezes, esta sofre discriminações, em virtude de ser produzida por pessoas do povo, consideradas, geralmente, analfabetas ou iletradas.

De acordo com Abreu (1999), a nossa Literata de Cordel surge a partir das influências das cantorias, contos e narrativas dos trovadores aportados aqui no Brasil. Destaca ainda a pesquisadora que, mesmo sendo influenciada pela poética oral portuguesa, a literatura a qual buscamos pesquisar nessa dissertação não pode ser definida como simples literatura oral, haja vista que ela se configura, segundo Abreu (1999, p. 70), como "fruto da imprensa e de um projeto editorial". Marinho e Pinheiro (2012, p. 19) observam que:

Os cordéis portugueses diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população, advogados,

---

<sup>4</sup> Aqui entendida a partir de definição Paul Sébillot, um agrupamento de textos em verso e prosa disseminado oralmente, e que se constitui de modos distintos do falar cotidianamente (*Littérature orale de la Haute-bretagne*, publicado em 1881).

professores, mulheres, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Em muitos casos, os cordéis eram comprados por uma pessoa letrada e lido para um público não letrado, situação que reproduz aqui no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente.

Acreditamos que a capacidade de memorização, ligada ao interesse de conhecer os textos de cordel na forma escrita pode ter contribuído para esse processo de alfabetização espontânea.

A literatura de cordel influenciou ainda em nosso país várias celebridades do mundo literário e artístico, tais como: Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo, José Lins do Rêgo, dentre outros. Ainda de acordo com os historiadores acima citados, foi no século XVIII que a literatura aqui descrita chegou ao Brasil, trazida pelos portugueses, sendo divulgada a princípio de forma oral. A partir do século de XIX, começa a ganhar sua versão impressa. Galvão (2005) salienta que foi Leandro Gomes de Barros, o poeta que a formatou aos moldes como a conhecemos hoje. E no início do século XX, o poeta editor João Martins de Athaide introduziu algumas modificações na impressão dos livretos de Cordel. Outro artista reconhecido no processo de ressignificação da referida literatura é o cantador paraibano Francisco das Chagas Batista. Foi graças a este artista que a Paraíba é referenciada até hoje do como o berço do Cordel.

No que se refere à comercialização, descrevem Marinho e Pinheiro (2012), que as vendas dos livretos de cordel eram feitas pelos próprios poetas nas ruas, vindo a ser comercializados nos mercados públicos. A partir de 1920, destacam ainda que esse processo era desenvolvido pelos poetas autores e, na medida em que o tempo passou, foram surgindo pessoas que intermediavam a aquisição das obras entre o poeta e o leitor.

Pinheiro e Marinho (2012) ressaltam que toda produção cultural passa por momentos de escassez e fartura. Percebemos, ao analisarmos os percalços enfrentados pela literatura cordelística, que desde a catalogação dos primeiros livretos até os dias atuais, configurou-se como elemento de resistência e preservação da identidade e da cultura de um povo.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, as novas tecnologias provocaram mudanças em todos os aspectos e setores da vida humana, variando desde a forma de ver o mundo, bem como a relação que estabelece com ele. O destacado avanço influenciou de forma relevante também no campo da cultura, como por exemplo, o mercado da música que foi impactado pelas oportunidades de muitos fãs terem acesso aos trabalhos de seus artistas sem necessariamente precisar da intervenção dos gravadores e dos agentes publicitários.

Com a Literatura de Cordel não foi diferente, pois as plataformas de mídia e a *internet* encurtaram o caminho entre o leitor e o artista cordelista. A feira, por exemplo, durante muito tempo configurou-se enquanto a principal galeria para a difusão dos cordéis, assim como as festas de largo e as quermesses. Hoje, por causa dos avanços da tecnologia, além das bancas de revistas e de jornais, o cordel chegou à grande mídia, como os *blogs*, *sites*, enfim, a *internet* em toda sua abrangência, possibilitando a muitos leitores acessar e ler em seus aparelhos eletrônicos, telas de computadores os textos desejados.

Além de facilitar a divulgação da poesia, favorece o alcance de um público leitor maior. Por isso cremos que essa nova forma de disseminação é uma forte aliada, pois tem evitado que nossa cultura nordestina, de um modo específico a literatura de cordel, caia no esquecimento, além de facilitar o acesso de alunos, professores, pesquisadores que se afinam com a temática.

Tais evidências nos permitem afirmar que a *internet* tornou-se recurso facilitador e aliado do cordel, pois além de contarmos com inúmeros sites, que dissertam sobre a temática, o *Google*, por exemplo apresenta bem mais de 30 milhões de resultados, ao digitarmos a palavra "Cordel", resultados esses que variam desde artigos científicos, teses, dissertações, ou mesmo, textos de poetas cordelistas.

Outro reflexo marcante do avanço tecnológico para a Literatura de Cordel foi sua apresentação física por meio das xilogravuras<sup>5</sup>, que outrora se apresentavam de forma monocromática, mas agora surgem coloridas, devido à facilidade de manipulação com programas de edição de textos específicos, considerando que no processo artesanal tornava-se muito difícil ou quase impossível.

Um fator histórico o qual consideramos de suma importância para essa manifestação cultural foi a fundação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em 7 de setembro de 1988, sediada no Rio de Janeiro, para agregar poetas cordelistas não só da Região Nordeste mas também de outras localidades, visando o resgate e manutenção da Literatura de Cordel. Cabe ressaltar que a entidade referida, disponibiliza em seu site<sup>6</sup> grande quantidade de informações, como lançamentos, vendas de livretos, eventos literários, e orientações de como escrever e produzir um livro de cordel, inclusive a xilogravura.

Vemos que esse novo formato de divulgação assegurou à Literatura de Cordel a conquista de outros espaços, novos leitores e, embora tenha ganhado esse novo formato, no que tange à divulgação e a comercialização, conseguiu garantir suas raízes e características, reinventando-se apenas na forma de chegar ao público leitor, mantendo, ainda, a mesma proposta de poesia popular e de linguagem fácil.

Ao pensarmos em uma proposta educativa pelo viés da Educação Popular como suporte didático, nos remetemos à distintos públicos como os povos indígenas, dos terreiros, ribeirinhos, dentre muitos outros, todavia, destacaremos a EJA, questão aqui em foco. A EJA, conforme a legislação vigente, é formada de pessoas com idade a partir de 15 anos, que por motivos diversos, não tiveram acesso ao estudo anteriormente. A LDB 9394/96 assim a descreve:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais

<sup>5</sup> Técnica ou arte de fazer gravuras em madeira, talhadas em relevo, pintadas para reprodução em papel ou em outro suporte. Esse desenho ou gravura feito por meio dessa técnica ou arte. Etimologia (origem da palavra *xilogravura*). Xilo + gravura. Fonte <https://www.dicio.com.br/xilogravura/>

<sup>6</sup> Para conhecer o site da ABLC, acesse o link: [www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)

apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996).

Ainda que os jovens e adultos tenham seus direitos assegurados pela lei, o público atendido sofre com a precariedade de uma escola excludente e despreparada para a diversidade, além de terem o direito de aprender cerceado, indo de encontro o que a mencionada lei descreve em seu Art. 4º:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

De acordo com a especificidade que permeia esta modalidade de ensino, Arroyo (2005, p. 224) reitera:

[...] quando se refere a jovens e adultos, nomeia-os não como aprendizes de uma etapa de ensino, mas como educandos, ou seja, como sujeitos culturais e sociais, jovens e adultos. Essa diferença sugere que a EJA é uma modalidade que construiu sua própria especificidade como educação, com um olhar sobre os educandos.

Diante do exposto, cremos que seja de suma importância, pensar estratégias que levem em conta as especificidades dos sujeitos atendidos pela EJA, subsidiadas por um currículo que venha contemplar a heterogeneidade existente, ao invés de padronizar um proposta homogênea para atender ao distintos sujeitos, como idosos, jovens, trabalhadores e trabalhadoras que por muito tempo foram excluídos do sistema educacional.

No que se refere ao currículo, Gadotti e Romão chamam atenção que o aprendiz adulto não pode ser tratado como criança, equívoco que muito educador ainda persiste em cometer, desconsiderando culturas, valores e tradições adquiridos de forma assistemática, em espaços não escolares, manifestadas de várias formas, haja vista que o educando adulto:

[...] quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois a sua "ignorância" lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é expressar (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p. 39).

A partir dessa assertiva, podemos perceber que as condições físicas e psicológicas dos discentes adultos são diferentes do público infantil, exigindo do educador, bem como do sistema educacional, um planejamento pedagógico que respeite suas limitações, necessidades, direitos, enfim, pensar em uma formação escolar que não vise apenas a preparação de recursos humanos para dar respostas ao mercado econômico, mas, pensar em uma educação preocupada com o processo de emancipação humana.

Ainda é nítida a objeção ao conhecimento adquirido fora dos muros da escola, de modo a explicitar, assim, a necessidade de se transcender ao modelo dicotômico, educação formal/não-formal (FREIRE, 1987) e construir uma educação redimensionada, com base em uma formação humana omnilateral (MARX, 2010).

Diante dessas circunstâncias, reconhecemos a relevância dos professores que se propõem a mediar o ensino na educação de jovens, adultos e idosos, e a refletirem a respeito de suas práticas pedagógica, investigando novas ações metodológicas que interliguem currículo escolar ao cotidiano de seu público aprendiz.

Gadotti e Romão (2007, p. 16) afirmam que:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção da Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Assim, a Educação de Adultos, transformando-se em Educação Popular é, antes de tudo, o processo mais abrangente. Estudiosos educadores descobriram que Educação Popular é, sobretudo, o processo permanente de refletir a militância, refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática procedimentos escolarizantes.

Na mesma esteira, Freire (1984) assevera ser necessário que o educador desenvolva um trabalho que oportunize ao educando a compreensão do que lhe foi apresentado tendo como premissa sua experiência, e a partir daí, permitir que ele dê um novo sentido, ou seja, não é dar respostas prontas, mas criar possibilidades, oportunidades de interpretações, questionamentos ou mesmo ressignificações. Uma didática autônoma e prazerosa que permite a busca do conhecimento, logo, pensar o ato educativo como:

[...] ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, [...] em que os educandos, também educadores, como "consciências" intencionadas ao mundo, ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores-educandos na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente (FREIRE, 1984, p. 99).

Um dos desafios para nós educadores é pensar um fazer pedagógico que não ignore questões, ainda latentes em nossa sociedade que, de uma forma ou de outra, refletem no trabalho docente. Na sociedade brasileira, ainda que de forma velada, percebemos práticas preconceituosas quanto às diversidades culturais e, muitas vezes, os educadores reproduzem tais práticas, ora por convicção, ora por não terem uma formação adequada para lidar com temas relacionados à diversidade como gênero, raça, identidade cultural, enfim, um leque de especificidades que exigem posicionamento político e crítico, restando-lhes o desafio de contribuir para a construção de uma sociedade sem preconceito, discriminação e desigualdade.

Como proposta a esse desafio, entendemos que práticas de letramento que envolvem leitura, escrita e oralidade nas ações cotidianas da escola precisam de motivação, pois não é possível conceber as práticas escolares de linguagem sem considerar os indivíduos, ou seja, os interlocutores. Entendemos que o espaço educativo

pode tornar-se lugar de construção do conhecimento, na medida em que tomamos como ponto de partida as vivências do educando e sua forma de ver o mundo.

A modalidade de ensino aqui em destaque atende a um público oriundo das camadas populares. Por isso acreditando que a Literatura de Cordel pode tornar-se instrumento de formação de leitores proficientes, por utilizar uma linguagem acessível, muito próxima de seu cotidiano, mantendo seus escritores muito próximos de seus leitores, proporcionando uma relação leitor/escritor dialógica, pela maneira que os assuntos são abordados. Assim, vemos a possibilidade de analisá-la não só como expressão literária, mas como um importante constructo de leitura significativa, entendendo que "cada leitor, ao interpretar, o faz a partir do seu horizonte sócio ideológico e discursivo", como descreve Bakhtin (2000, p. 23).

Ainda segundo este autor,

toda atividade humana, independente da esfera, estará relacionada à utilização da língua que será aplicada sob forma de enunciados orais ou escritos, que refletirão as finalidades e condições específicas de cada uma dessas esferas, e o todo anunciado será a fusão de três elementos: estilo, construção composicional e conteúdo temático (BAKHTIN, 2000, p. 56).

Bakhtin (2000) afirma ainda que falamos e escrevemos (nos comunicamos) usando de gêneros, que por sua vez estão no dia-a-dia dos sujeitos, inclusive nas conversas informais, ou seja, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Esses gêneros são dados

quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática. [...] Qualquer enunciado consideravelmente é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo denominado de gênero do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 87).

Essa valorização da linguagem também se encontra no estudo do contexto sócio-histórico-cultural proposto por Vygotsky (2007), denominado de sóciointeracionismo, o qual valoriza a cultura popular. Em estudos sobre a Literatura de Cordel, tal referencial torna-se muito importante. Por isso partimos de um referencial que estuda os gêneros discursivos da literatura cordelística para um público específico (alunos da EJA), tendo como aporte teórico também o sóciointeracionismo, que tem como base a mediação cultural e social do indivíduo e sua importância para o letramento.

É preciso entender que, numa visão sociointeracionista, o texto não entra na sala de aula como pretexto para uma abordagem simplista da gramática ou da literatura, tampouco para servir de modelo pura e simplesmente. Ao contrário, deve ser visto pelas vozes que pode trazer e pelo seu potencial de significações, pela relação que pode estabelecer com outros textos ou mesmo com a realidade do mundo (ROJO, 2006, p. 89).

Para Araújo (2007, p. 3), "os cordéis, além de sua função social educativa, são também culturais, e fazem parte da cultura popular brasileira, propiciando a interação entre os saberes que são vivenciados no cotidiano dos indivíduos". Notamos, assim, que de acordo com o autor, a modalidade referida constitui-se em um entrelaçamento entre educação, cultura e literatura. A Literatura de Cordel aborda muitos temas como preconceito, história do Brasil, cidadania, dentre outros, podendo tornar-se um recurso interdisciplinar, que propicia aos educandos uma maior aproximação do processo

ensino-aprendizagem, já que na maioria das vezes enfoca fatos do dia-a-dia, com o discurso linguístico, mais próximo de sua realidade sociocultural. Dessa forma, acreditamos que a Literatura de Cordel, por abordar, na maioria das vezes, elementos do cotidiano dos alunos, pode transformar o processo de ensino/aprendizagem em EJA em um processo dinâmico e motivador.

Entendendo que o ambiente escolar vem se configurando de diferentes maneiras, inclusive no que tange ao olhar dos sujeitos aprendizes na sala, ao avaliar o que detectamos em nossa observação, para muito educandos, os momentos que se configuram como mais satisfatórios são o intervalo e a hora de ir para as residências, pois em algumas vezes, o assunto desenvolvido não chama a atenção desses sujeitos, enquanto para uns esse mesmo ambiente configura-se mais interessante ou mais agradável do que o local em que reside. Ao tomar como referência essa ambiguidade, vemos que o educador tem a função de mediador e isso, certamente, perpassa a elaboração e execução de uma atividade pedagógica que atenda a esses anseios.

Ante ao exposto, acreditamos que trabalhar com o cordel na sala de aula vai exigir do educador a elaboração de uma metodologia de trabalho adequada, de forma que não seja mais uma atividade esporádica, geralmente apresentada de forma descontextualizada nas culminâncias folclóricas. Dessa forma, pensamos ser de suma importância que o gênero literário aqui abordado subsidie uma didática que contribua para a aprendizagem integral dos agentes envolvidos, ao invés de pautar-se apenas na aquisição de conhecimento descontextualizado. Foi pensando nisso que em nossa pesquisa desenvolvemos uma atividade de intervenção com a aplicação de sequências didáticas pautadas na interdisciplinaridade.

## **EJA e interdisciplinaridade no contexto da pesquisa**

Por considerar que o público de jovens, adultos e idosos que ingressam na escola é repleto de vivências e saberes, reconhecemos a necessidade de os educadores e educadoras incorporarem à sua prática educativa atividades que possam contribuir para o processo de permanência do sujeitos nas salas de aula, pensado a partir de um currículo de caráter concreto e que abrace a comunidade, de modo específico os discentes. Reconhecemos também a necessidade de que estes educadores e educadoras sejam capazes de contribuir para a organização de um pensamento reflexivo, que leve a transformar a sua realidade. A esse respeito, Matêncio (2005, 45-46) ressalta que:

Visto que numa dada cultura há diferentes letramentos associados aos variados domínios da vida, bem como diversidade nos modos como os sujeitos tomam parte de eventos e situações nesses períodos, parece-nos adequado e relevante examinar de que forma esses sujeitos, situados em contextos específicos, membros de determinadas comunidades, atuam em eventos mediados pela escrita.

Um professor que propicia a educação por meios de atividades pedagógicas reflexivas pode fazer com que seus alunos se tornem sujeitos crítico-reflexivos. Ao pensarmos um currículo direcionado para a EJA, é importante que consideremos as peculiaridades do público envolvido no processo educacional, seus anseios e, acima de

tudo, seus históricos de vida, ou seja, considerar suas realidades, procurando ressignificar seu papel social na preparação de atores que deverão atuar de forma ativa na sociedade. Arroyo (1996) assevera que é necessário garantir o direito dos trabalhadores e trabalhadoras, jovens e adultos, de participarem dinamicamente do processo educativo onde sua cultura seja garantida de forma harmônica.

Nessa perspectiva, buscamos trabalhar a nossa intervenção com as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia, como os textos "*Parabéns, Conquista!!!*" de Ivan Lemos; e "*Cordel ecológico*" de autoria desconhecida. O trabalho aconteceu na perspectiva da interdisciplinaridade, entendendo-a como "a interação entre duas ou mais disciplinas para superar a fragmentação, a compartimentalização de conhecimentos, [...], tendo em vista uma compreensão melhor da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 37) e assim, os sujeitos, ao "[...] transformar[em] a natureza transformam a si mesmos, construindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como homem/mulher neste mundo humano (FÁVERO, 1983, p. 16).

Optamos pela metodologia qualitativa, por meio da pesquisa-ação cujo propósito nesse processo de investigação foi garantir a participação ativa de nossos colaboradores, os sujeitos investigados. Na concepção de Kemmis e Mc Taggart (2001, p. 248), pesquisa-ação é [...] uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais.

Utilizamos as como instrumento de coleta de dados a observação, aplicação de questionários de perguntas abertas, realização de Grupo Focal e Sequência Didática. Esta pesquisa ocorreu em cinco etapas: 1ª) Reunião com os educandos e a equipe gestora; 2ª) Aplicação de questionários para professores, coordenador e educandos; 3ª) Aplicação da Sequência Didática como atividade de intervenção; 4ª) Realização do Grupo Focal para avaliar os resultados da atividade de intervenção; 5ª) Análise dos resultados da pesquisa.

Realizamos primeiramente a observação para compreender o perfil do conjunto de sujeitos investigados que, de acordo com Gil, "[...]constitui elemento fundamental para a pesquisa. Num segundo momento, aplicamos um questionário para os educadores e educandos (livre adesão), com perguntas abertas, pois acreditamos que este instrumento poderia englobar as respostas possíveis para a problemática em questão. Gil (1999, p. 128) aborda que o questionário tem "por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras". Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa tiveram os seus nomes preservados, motivo pelo qual receberam nomes fictícios de representantes do cangaço, conforme aparecem na literatura de cordel, a saber:

- 02 educadores: Azulão e Rouxinol;
- 02 educadoras: Maria Bonita e Asa Branca;
- 07 educandos: Labareda, Corisco, Cravo Roxo, Lasca Bomba, Deus te Guie, Beija-Flor e Anjo Novo;
- 03 educandas: Naninha, Lídia e Açucena;

- Coordenação: Dadá.

Destacamos entre as técnicas o uso da dinâmica do Grupo focal, pois acreditamos que haja pontos de semelhança entre os participantes. E, por fim, como realizamos uma pesquisa-ação, que é constituída de intervenção, no intuito de alcançar os objetivos delineados, a próxima etapa foi o momento de ação-reflexão-ação da pesquisa-ação, a qual ocorreu por meio da aplicação de Sequências Didáticas das disciplinas: Ciências, História, Geografia e Português. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a Sequência Didática [...] se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores. Entretanto, devido aos limites desse texto, destacaremos apenas o trabalho desenvolvido na disciplina de Ciências, o qual enfocaremos a seguir.

## Da ciência da escola à "ciência" do Cordel

Salientamos que a nossa pesquisa não teve como premissa a construção de cordéis pelos alunos, mas sim trabalhar com cordéis já existentes e conhecidos pelo nosso público. Na perspectiva da interdisciplinaridade, após realizamos a leitura do poema "Cordel ecológico", para trabalharmos com a disciplina de Ciências, pelo viés da educação ambiental, buscamos sensibilizar os discentes para a consciência ecológica utilizando debates de questões voltadas ao meio ambiente, dialogando sobre fatores naturais e culturais que alteram esses espaços, e refletindo sobre as mudanças ocorridas na natureza, devido à degradação ambiental, os tipos de lixo descartados, seus malefícios e tempo que levam para se decompor. E, por fim, discutimos como o desenvolvimento comercial e industrial influenciam o Meio Ambiente.

Dessa forma, pensamos que a instituição deve preocupar-se também com a educação ambiental e esclarecer como algumas práticas cotidianas ou mesmo mudanças de atitude podem refletir na natureza de forma positiva. Podemos tomar como exemplo o descarte consciente de resíduos e lixos, a coleta seletiva, dentre outras atividades de preservação que podem influenciar na qualidade de vida, tanto na localidade onde o sujeito vive como também nos demais espaços.

De acordo com Dias (2004), a expressão educação ambiental surge em meados de 1970, período em que essa questão passa de fato a ocupar lugar de proeminência nas preocupações da sociedade de um modo geral, inclusive nas escolas. A partir de então, alguns eventos são pensados visando conscientizar e sensibilizar as pessoas para uma consciência ecologicamente correta. Dentre essas ações destacamos: a Conferência Rio-92; a Agenda 21; a Conferência de Estocolmo, em 1972, cujo objetivo era garantir a sustentabilidade do planeta terra, bem como a qualidade de vida dos seres que nela vivem.

De acordo com os PCN, o papel da escola se volta para refletir que:

[...] a questão ambiental impõe às sociedades a busca de novas formas de pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos de produção de bens, para suprir necessidades humanas, e relações sociais que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social, e, ao mesmo tempo, que garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um importante papel a desempenhar (BRASIL, p. 180).

A leitura da assertiva acima nos permite perceber como a educação ambiental deve permear também o espaço educacional. Ainda que geralmente vemos essas discussões nas disciplinas de Ciências ou educação ambiental, reconhecemos que ela deve ser pensada de forma interdisciplinar, que a equipe gestora e demais profissionais que atuam na escola busquem alternativas que permitam aos discentes refletirem de forma mais ampla sobre a necessidade de se pensar sobre qual planeta queremos e o que podemos fazer para atingir o objetivo almejado, na busca de um mundo sustentável (SOUSA, 2019, p. 111).

A Lei nº 9.795, promulgada em 27 de abril de 1999, determina que a Política Nacional de Educação Ambiental (EA), de acordo com o Art. 9º, deve estar presente nos currículos das instituições de ensino, tanto público como privado, abarcando todos os segmentos, tais quais: I – educação básica: a. educação infantil; b. ensino fundamental; c. ensino médio e educação superior; III – educação especial; IV – educação profissional; V – educação para jovens e adultos (BRASIL, 1999).

Notamos, assim, que a EA deve ser incorporada ao currículo escolar em todas as modalidades de ensino, desenvolvendo atividades dentro e fora de sala, podendo valer-se inclusive de linguagens variadas, como atividades artísticas e culturais, projetos e muitas atividades que permitam um aprendizado prazeroso. Isto também está garantido na Resolução do CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017, que institui a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), quando a referida legislação afirma no Art. 8º - VIII - § 1º, que a Educação Ambiental deve ser tratada de maneira transversal.

Considerando que o público de jovens e adultos requer uma metodologia específica, supomos que a interdisciplinaridade pode promover uma união de saberes, proporcionados pelas múltiplas visões de mundo que eles trazem ao adentrarem no ambiente escolar. Para subsidiar as discussões no Grupo Focal proposto para a disciplina Ciências, iniciamos a roda de conversa a partir do artigo Art. 225 da Constituição Brasileira, o qual assegura que "todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações" (BRASIL, 1988, p. 25).

Notamos que esse artigo da lei mencionado visa garantir a todos os cidadãos o direito a um meio ambiente sadio e ecologicamente harmonioso, atribuindo não só ao poder público, mas a toda sociedade a responsabilidade de defendê-lo, no intuito de garantir uma qualidade de vida, não só para as gerações presentes, como também para as que estão por vir, fazendo-se necessário que tenhamos cuidado com nossas práticas usuais diárias, inclusive, na forma como descartamos os resíduos de nosso consumo do cotidiano (SOUSA, 2019).

Nesse sentido, após discutirmos um panfleto informativo que descreve o tempo que alguns materiais descartáveis levam para se decompor, convidamos os nossos colaboradores para uma roda de conversa no Grupo Focal, e fizemos os seguintes questionamentos: As questões voltadas para a educação ambiental em sua escola são trabalhadas de forma interdisciplinar? ou seja, envolvendo todas as disciplinas? ou somente a professora de Ciências aborda essas questões?

Sobre estas questões, selecionamos as seguintes respostas:

Pelo menos o tempo que eu tô nessa escola, nunca vi outros professores, falando de meio ambiente, só a professora de Ciência que se não me engano, foi na sexta série, quando eu estudava de dia (Beija-Flor).

Na escola no ano passado, um projeto da televisão chamado Lápis na Mão, que foi a professora de Português e o de Artes, Ciências, mas era de dia, igual ele falou (Naninha).

Quando eu estava a tarde, na outra escola, também, eu participei de um projeto chamado Eco kids. Nesse projeto, todos os professores trabalharam juntos, foi um trabalho legal, no fim teve um jornalzinho, comas fotos dos trabalhos dos alunos com os professores (Açucena).

Foi mesmo, quando teve o projeto *Eco kids* e *Eco Teens*, os professores, todos falaram, mas foi só essa vez que a gente viu um projeto assim na noite. A gente até fez coisas com material reciclado (Lídia).

Apresentamos na sequência algumas informações sobre os dois projetos mencionados por nossos colaboradores no intuito de facilitar a compreensão dos leitores. Os Projetos *Eco Kids* e *Eco Teens* visam a criação e circulação de um informativo trimestral sobre meio ambiente, voltado e preparado por alunos das escolas de ensino fundamental, públicas e privadas, custeado por infratores ambientais, em cumprimento de pena alternativa.

[...] Através do jornal *Eco Kids* e do *Eco Teens*, as escolas têm a oportunidade de sintetizar o trabalho de educação ambiental que desenvolveram, mostrando trabalhos feitos pelos próprios alunos, incluindo desenhos, redações, quadrinhos, etc. A escolha das matérias que serão publicadas exige o efetivo trabalho sobre o meio ambiente em sala de aula ou em ambiente externo, com um olhar crítico e ativo do aluno, que será o produtor dos textos ou desenhos (BRASIL, s/d, p. 1).

O Projeto Lápis na Mão, destacado por Naninha, é promovido pelas afiliadas da Rede Globo, no caso de Vitória da Conquista, pela TV Sudoeste, surgido em 2009, e é composto por três ações cujo objetivo é incentivar o envolvimento de estudantes das redes pública e privada, envolvendo também no processo de desenvolvimento professores das escolas públicas estaduais e municipais da região. São elas: Concurso de Desenho e Redação, Desafio Mãos da Esperança e Concurso Escola Cidadã. O projeto, em sua primeira etapa, seleciona os 10 melhores trabalhos de cada categoria para uma segunda e última etapa onde serão reconhecidos os 03 melhores textos avaliados de cada categoria e premiados.<sup>7</sup>

A oportunidade de trabalhar nessa perspectiva permite a todos os envolvidos a se apropriarem dos saberes sistematizados em outras instâncias, resignificando-os de maneira a transformarem-se em instrumentos que os permitirão compreender, e quem sabe, mudar a realidade em que estão inseridos (SOUSA, 2019).

Na atividade de intervenção que realizamos em comum acordo com os educandos, optamos por realizar a confecção de latas de lixos, reutilizando materiais que seriam incinerados. Essas latas foram afixadas nas salas servindo como lixeiras. Dando

<sup>7</sup> Mais informações estão disponíveis no site: <http://projetolapisnamao.com.br/inscricoes>

continuidade às discussões apresentadas no Grupo Focal, a respeito do papel da escola, no processo de conscientização dos alunos, no que se refere a educação ambiental, perguntamos: "Vocês acreditam que é possível o homem interferir no meio ambiente sem destruí-lo? E a escola pode contribuir para o processo de conscientização ambiental?"

O educando de codinome Corisco respondeu:

Eu acredito que sim, porém, o homem deve usar a mentalidade pra entender que a natureza dá tudo que ele precisa, mas quando não é usada de forma certa, ela mesma destrói os homens. Eu acredito também, que a escola já deve ir pensando em preparar os alunos desde criança, falando da importância de se usar os recursos da natureza, de forma certa. No embalo que tá indo, nossos filhos, nossos netos, não terão condições de viver no planeta terra.

Dando continuidade na participação do grupo, Açucena disse que:

Se Deus deu sabedoria para o homem controlar algumas coisas da natureza, deu também para ele entender que deve cuidar, se não acaba, e a escola é muito importante, porque se o menino aprende desde o primário que é importante preservar o meio ambiente, quando estiver maior e precisar usar qualquer recurso, ela vai saber usar e preservará.

As declarações demonstram que os sujeitos compreendem a importância do papel da escola sobre a conscientização e preservação do planeta. Para tanto, torna-se necessário desenvolver nas gerações futuras um pensamento sensível, de forma que elas busquem usufruir dos bens naturais sem degradá-los, uma vivência equilibrada entre homem e natureza (SOUZA, 2019).

As falas dos sujeitos nos permitem refletir que a escola deve se preocupar com a preparação dos sujeitos, levando em consideração a importância que as questões ambientais devem ocupar nos planejamentos, via projetos pedagógicos participativos e interdisciplinares, para que os educandos e educandas tenham responsabilidade social e cuidem do meio ambiente na busca de qualidade de vida para eles e para as próximas gerações.

### **Algumas considerações...**

Os estudos realizados nos permitiram perceber que o trabalho nas turmas da EJA é bastante desafiador. Dentre os obstáculos destacamos: a falta de formação do professor, o trabalho pedagógico descontextualizado, o baixo poder aquisitivo dos educandos. E esses fatores têm dificultado a permanência destes na sala de aula, provocando muita evasão e repetência. Diante disso, faz-se necessário que não só os educadores, mas toda equipe envolvida no sistema educacional busque metodologias que motivem os educandos a participarem de forma efetiva nas aulas

Acreditamos que a Literatura de Cordel, com sua linguagem simples, pode apresentar-se como socializadora de saberes, propiciar aos discentes uma identificação com as situações que permeiam sua rotina, ou outras situações do dia a dia, criando um ambiente que faculte uma interação entre a escola e a vida, bem como com a leitura e

a escrita, contribuindo, assim, de forma satisfatória para adquirir melhorias no processo de ensino aprendizagem

Consideramos ainda incipiente a quantidade de trabalhos pedagógicos desenvolvidos sobre a Literatura de Cordel, em alguns casos, esta é apresentada apenas pelo professor de Língua Portuguesa, discorrendo sobre as variedades linguísticas, ou na época de folclore, em ambos os casos acaba por minimizar o potencial que o folheto têm de subsidiar as múltiplas questões voltadas aos aspectos relacionados a vida de um povo, além de contribuir para a preservação da identidade cultural do público atendido por nossas escolas, encurtando, assim, a distância entre o sujeito leitor e o texto, e valorizando os saberes que os educandos trazem ao adentrarem nas salas de aula. Diante disso, presumimos que a Literatura de Cordel pode tornar-se instrumento potencializador de formação de leitores, bem como contribuir para a preservação da cultura, da língua e da identidade dos discentes atendidos pela EJA.

## Referências

- ABREU, M. M. A relação entre Estado e a sociedade civil – a questão dos Conselhos de Direitos e a participação do Serviço Social. **Serviço Social & Movimento Social**, São Luís: EDUFMA, v.1, n.1, p. 61-76, 1999.
- ARAÚJO, P. C.A. **A cultura dos Cordéis: territórios de tessitura de saberes**. 2007, 234 p. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, 2007.
- ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- \_\_\_\_\_. M. G. **Educação básica de Jovens e Adultos**. Escola Plural, Secretaria Municipal de Educação, Belo Horizonte, 1996. 60 p.
- BAKHTIN, M. M, **Problemas da poética de Dostoievski**. Traduzido do russo por Paulo Bezerra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 256 p.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão; revisão de tradução de Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 230 p.
- BEISIEGEL, C. A educação de jovens e adultos analfabetos no Brasil. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 16, p. 19-27, jul. 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 52 p.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 35. ed. Brasília: **Edições Câmara**, 2012. Disponível em: Acesso em: 05/11/2019.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 9394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/l9394.htm> Acesso em: 06/11/2019.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **DOU de 28.4.1999**. Brasília, 1999.

BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, 2017.

CARVALHO, M. M. P. "Cultura Popular". In **Perfil Cultural e Artístico do Maranhão**. 2006. Disponível em: <http://www.perfilcultural.com.br> Acesso em: [05/11/2019](http://www.perfilcultural.com.br).

CASCUDO, L. da C. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1952. 83 p.

\_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006. 318 p.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP. 2000. 204 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 132 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 186 p.

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 283 p.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir; BRANDÃO, José (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 9. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007. (Guia da Escola Cidadã; v, 5).

GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 239 p.

GARCIA, Pedro B. Saber popular e Educação Popular. **Cadernos de Educação Popular**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983. 76 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 197 p.

KEMMIS, S. ; MCTAGGART, R. **O pesquisador em ação**. Geelong: Deakin University Press, 1990. 123 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez ,1998. 356 p.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p.

MATÊNCIO, M.de. **Leitura e produção de textos e a escola**. Campinas. S.P: Loyola. 2005. 154 p.

MARX, K. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 245 p.

PAIVA, V. **Educação popular e educação de adultos**: contribuição à história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 2006.

ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: Diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: I. Signorini (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**, pp. 51-74. Campinas: Mercado de Letras. 2006.

SAVIANI, D. **Pedagogia Historio-crítica**. Campinas, São Paulo : Atores associados 2003. 137 p.

SEBILLOT, P. **Littérature orale de la Haute-bretagne**. J. MaisonNueve, Libraire Edutheur. 1981. 321 p.

SOUSA, G. dos S. **Literatura de Cordel e Educação de Jovens e Adultos: a cultura popular na perspectiva de valorização dos saberes dos educandos**. Dissertação de Mestrado. 2019. 163p. Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. 2019.

TFOUNI, L. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez,1995. 103 p.

VALE, Ana Maria. **Educação Popular na Escola Pública**. 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2001. 111 p.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 140 p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1993. 345 p.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira [et al.]. São Paulo: Hucitec, 1997. 118 p.

Submetido em: 06-11-2019

Aceito em: 29-12-2019

